

Os três senadores

Quem não viu, não sabe o que perdeu: as cenas do velório do senador Roberto Caxias, do capítulo de sexta-feira da novela *O Rei do Gado*, foram inesquecíveis. Mais do que isso, uns desses raros instantes em que a realidade se entrelaça com a ficção para imprimir a dose certa de realismo à cristalização do mito.

Mesmo com a antecipado anúncio pela imprensa das peripécias que cercaram a gravação do enterro — com a negativa superticiosa do senador José Sarney, presidente do Senado, em ceder o salão nobre para as homenagens póstumas ao nobre colega — não se esvaziou o impacto da surpresa. A equipe da TV-Globo caprichou na montagem da solene câmara mortuária que não ficou a dever à pompa do original recusado. Nada faltou para a composição do cenário: espichado no caixão de luxo, ornamentado de flores, o ator Carlos Vereza nem respirava. Foi um cadáver convicto, sustentando até o túmulo a dignidade do papel. Guarda de honra pefilhada nos dois lados da essa, em impecável fardamento de gala. Atmosfera fúnebre realçada pelas fisionomias graves dos extras, em severas roupas escuras.

O deslocamento da câmera focaliza o longo corredor. E se fixa no senador Eduardo Suplicy, acompanha-o no seu lento caminhar, demora-se na exploração de ângulos da fisionomia tensa, passando a emoção contida que crispa os maxilares, aperta os olhos que parecem avermelhados por choro recente, as bolsas abaixo das pálpebras acentuam os traços do sincero pesar. O senador pára diante do caixão, dedica ao morto o olhar de despedida e cumprimenta a viúva,

Maria Rosa: debulhada em lágrimas. Tudo não dura mais de alguns minutos.

Não ficou nisso. Depois de Suplicy foi a vez da senadora Benedita da Silva fazer a sua ponta. Superando o companheiro de partido no

“Nunca o Congresso atravessou período em que a realidade e a fantasia tanto se confundem”

irretocável desempenho. Elegante, maquiada, ostentado penteado sofisticadíssimo, a senadora desfilou como profissional. Cada passo vagaroso parecia marcar o compasso da emoção crescente. Abraçou a viúva, apresentou as condolências. Compôs máscara perfeita, olhos marejados, tremura nos lábios, a face contraída.

Confesso que o choque da primeira reação bolou na memória de quase meio século de militância na reportagem política. Tentei imaginar os grandes parlamentares daquela época pegando carona na gravação de novela: Nereu Ramos, Otávio Mangabeira, Afonso Arinos, Aliomar Baleeiro, Gustavo Capanema.

Logo exorcizei meus fantasmas. Os tempos são outros. A dupla petista fez muito bem em aproveitar o convite para mandar o recado explícito da solidariedade à luta dos Sem-Terra. E para homenagear o senador virtual que durante toda a novela honrou a instituição pela exemplar honestidade, coerência e obsessiva dedicação à reforma agrária. Morreu pela causa, varado pelas balas dos campangas dos latifundiários.

Ora, a rápida presença do senador Eduardo Suplicy, de exata correção e a desembaraçada atuação da senadora Benedita da Silva deram o toque mágico da verossimilhança às cenas finais da participação do senador Roberto Caxias. Morto, o senador ganhou vida. Varou a linha do faz-de-conta, materializou-se, conquistou espaço na galeria do Senado.

O momento e o local eram propícios. Nunca o Congresso atravessou período em que a realidade e a fantasia tanto se confundem no seriado de incidentes surrealistas.

Pois, o PMDB não virou legenda de mentirinha? Finge que é oposição sem largar os ossos do governo. Briga pelas presidências da Câmara e do Senado para sobreviver falsificado de grande partido. E a convocação extraordinária do Congresso? Mambembe chinfrim. Puro circo. A pauta enorme que a justifica não é para valer. Tanto que nada se vota. Discute-se a reeleição entre intrigas, fofocas, futricas.

O senador fictício foi discutido, comentado, virou notícia, símbolo do que devia ser e não é.